

Caríssimo desembargador Samuel Hugo Lima, presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região. Acho caríssimo mais afetuoso do que ilustríssimo. Emendo, agradecendo ao desembargador Wilton Borba Canicoba, que me indicou para esta comenda. Confesso que vejo nisso tentáculos de Araraquara, uma vez que um de meus grandes amigos no curso científico era o Laerte Canicoba que, confesso, me passava as colas nas provas de matemática.

Sinto-me, aliás, como naquela história de uma Feira do Livro em que na sessão de encerramento, os livros decidiram também intervir para agradecer ao público. Por unanimidade, decidiram que seria o Dicionário a falar em nome deles e então o Dicionário, modesto, começou: *Infelizmente, Não tenho palavras para agradecer...*

Comecemos

Certa manhã de março de 1957, meu pai levou-me à estação ferroviária de Araraquara para o momento decisivo de minha vida, partir para São Paulo. Minha decisão foi dolorida para minha mãe. “Filho, fique aqui! Arranje um bom emprego, case, tenha uma família, você precisa ter segurança. Vá para a estrada de ferro, como dizia. Preste concurso no Banco do Brasil ou na Caixa Econômica”.

Eu, do alto de meus 21 anos, já tendo assistido “Juventude Transviada” e tendo James Dean como ídolo, respondi: “Não mãe, vou para São Paulo, quero ser jornalista, ou mexer com cinema, teatro, talvez escrever, e aqui não tem nada disso”. O talvez era mentira, era tudo que eu queria. Tinha razão dona Maria do Rosário do ponto de vista dela. Minha avó Cecília morreu quando minha mãe tinha 13 anos e passou a cuidar de seis ou sete irmãos. Ela não terminou os estudos fundamentais.

Naquele momento em que me colocava no trem, meu pai perguntou:

— Ignácio, você quer trabalho ou emprego?

— Qual é, Pai? É a mesma coisa!

— Não, filho, é muito diferente. Emprego você tem para ganhar um salário a fim de pagar as contas, a comida, a escola dos filhos e algum para o divertimento. No trabalho, além de tudo isso, você coloca um sonho. Querer ser alguma coisa que faça sua vida diferente. Que te deixe sem fôlego pela alegria, ou sem fôlego pela dúvida.

Este momento, aqui, nesta sala, mostra que acertei em minhas decisões. Fracasse, entrei em canais errados, afundei. Me deprimi. Mas, deixei para lá. Disse Churchill, que na vida a gente pode fracassar o quanto for, desde que continue acreditando.;

Decidi pelo jornalismo. Ele me levou à literatura, às viagens, ao cinema, ao palco. Duas professoras do fundamental, Lourdes Prado e Ruth Segnini me diziam: quer inspiração? Olhe pela janela! Saia à rua. Observe. Pergunte. Assim vivi o Brasil, este país que sempre retratei. Jurandyr Gonçalves, professor de português no ginásio me deu a lição fundamental:

“Não tenha medo, a vida é mais absurda que o próprio absurdo”.

Arrisquei. Hoje sou escritor, estou em duas academias, viajei mundo, sou cronista, faço palestras por este país afora, conversando com estudantes e professores. Velhos amigos me abraçam: “Está na boa, hein? Em todos jornais, televisão, famoso”. Replico: “Não ganho por notícia, ganho pelo trabalho, pelo que escrevo. Não sou um homem solitário. Sempre penso que , em algum momento, alguém esteja lendo uma página que escrevi, afinal são 54 livros e 8 mil crônicas em jornal. E ao ler, essa pessoa goste e transfira este amor para mim.

Entre os 87 e 88 anos viajo. Ainda há pouco, em Aracaju, terminada uma fala com estudantes, uma jovem perguntou:

— Qual é o seu segredo? Nesta idade, viaja, fala, não tem voz de velho... Qual é sua fórmula? A receita?

Fiquei me perguntando: O que é voz de velho? Envelhecer. A mídia está coalhada de fórmula e remédios para tudo. Ora pro Nobis, Ora pro Nobis, fitoterapias para ter cabelo, não ter ruga, e principalmente viagra ou raízes indígenas para sermos imbrocháveis. Bom, respondi à jovem:

— Fórmula? Receita? Sabe por que estou aqui? Aos 87 anos? Simples: Porque não morri.

Li uma frase, creio que de Bertrand Russel, o filósofo pacifista, que aos 95 anos ainda tomava parte em passeatas em Londres:

“Quando uma pessoa se aproxima do fim, procura saber o sentido da vida”. Descobri isto aos 16 anos, quando escrevi meu primeiro texto, uma crítica de cinema. Com a escrita entendi, retratei o Brasil e os brasileiros. E ainda tenho projetos. Caminho, eles também. E assim continuo indo para a frente.

Confesso, senhoras e senhores, que ouço ainda com frequência uma pergunta insólita. Amigos de muitos anos, ou recentes, ou mesmo quem acaba de me conhecer, indagam:

— Ignácio, você não trabalha? Não faz nada? Só escreve?

A princípio, eu imaginava que trabalhar era aquilo que meu pai fazia. Acordava cedo, tomava café, ia para o escritório, voltava para o almoço, regressava à escrivaninha, mexia com papéis, contas, e etc. O clássico.

Um dia, anos 60, repórter do jornal “Última Hora” – que desapareceu – fui entrevista Vinícius de Moraes, poeta, compositor, cantor, bebedor e casador. Casou-se nove vezes com interessantes mulheres. Conta-se que um dia aproximou-se da linda baiana Gessy Gesse e indagou: “Quer ser minha viúva?”. Ela quis. Naquela tarde, Vinicius estava sentado na varanda de um restaurante, a imprensa toda a sua frente, o filme “Orfeu Negro”, por ele escrito, tinha ganho o Oscar de melhor filme estrangeiro. O

compositor-escritor tinha sobre a mesa um litrão de uísque, um copão e um balde de gelo. E ia respondendo e bebendo, mantendo-se impecável. Um jornalista não resistiu:

“Que bela vida o senhor leva, hein? É famoso, casado com belas mulheres, cinco da tarde está aqui dando entrevista, sentado, tomando um uiscão, despreocupado”.

Vinicius olhou:

— Você não entendeu nada? Não percebe que esse é o meu trabalho?

Desde então mudei meu conceito de trabalho. Ele não é apenas suor e angústia, é também divertimento, fairplay, prazer...

Grande lição aprendi da escritora Lygia Fagundes Telles, uma das melhores escritoras brasileiras de todos os tempos. Eleita para duas academias, a Brasileira e a Paulista, seus livros são clássicos da língua portuguesa, vários traduzidos para muitas línguas. Um dia, em uma sessão da Academia Brasileira, ao receber um prêmio internacional do Pen Club ela observou:

— Aprenda Ignácio. O que importa são as glórias quentes. Aquelas que recebemos em vida, abraçamos as pessoas, rimos, o coração salta. Glórias frias? Nem pensar! Quando estiver debaixo de um mármore gelado ou já cremada, vou querer o quê? Não vou precisar de nada. Glórias quentes, como esta é que nos levam para a frente. Este momento, colegas homenageados, é lava fervente para o coração, afago na vaidade. Elogios, risos, abraços, beijos, pró-secos, champanhes, uísque, margaritas, mídia, selfies. Ai meu Deus, vai ter selfies? Auto-estima em alta. Este momento, colegas, é aquilo que em minha cidade natal se definia como temperatura máxima. A Globo me roubou o slogan. Ou seja, na linguagem cotidiana, FÊRVO.

Vamos aos colares, diplomas e comendas. Depois às bebendas e comidas.

Boa noite.